

FLORESTA BRUMOSA

REINOS BASTARDOS

A CANÇÃO DE RUNA

- VOLUME 1 -

LUÍS CORTE REAL



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para a minha filha Bia, porque não gostou
do Benjamim Tormenta, nem do Lisboa Noir,
mas adorou a história da Runa. Tu és como a Runa, Bia:
forte, corajosa, independente, e com um pai que te ama.*

TERRITÓRIOS dos WWARESH

FLORISTA BRUMOSA



Pantanal

Minor

Terras Húmidas



REINOS HUMANOS

ESPINHA DO MUNDO



◀ ÍNDICE ▶



-11-

PRÓLOGO

-17-

PRIMEIRA PARTE

Pequeno Demónio

-51-

SEGUNDA PARTE

Pássaro Perdido

-179-

TERCEIRA PARTE

Ursa Furiosa

-279-

EPÍLOGO

-287-

GLOSSÁRIO

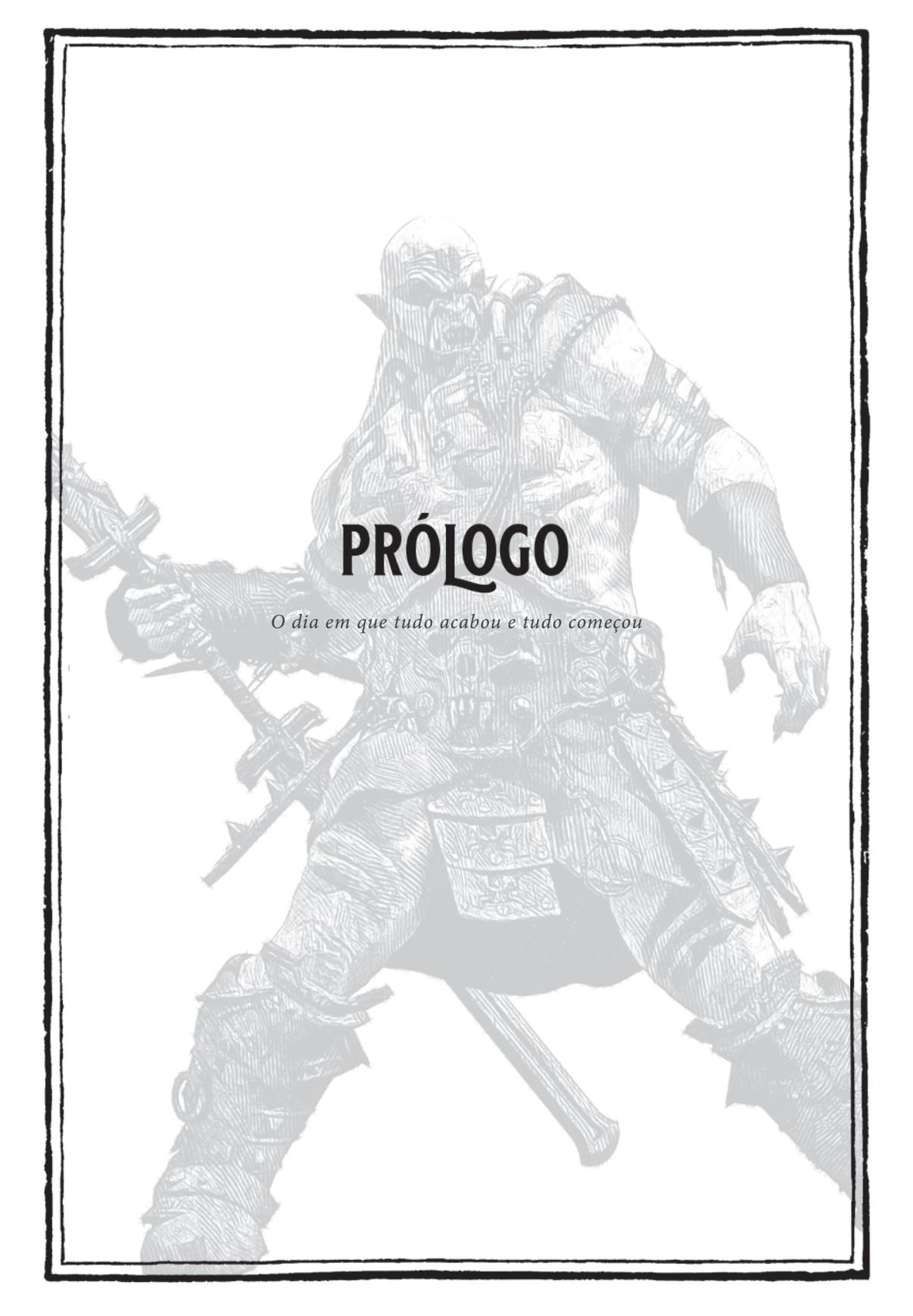
-289-

AGRADECIMENTOS

-290-

PLAYLIST

*Caros leitores,
este livro tem todos os tipos de violência.
Ficam avisados.*



PRÓLOGO

O dia em que tudo acabou e tudo começou



A jovem sabia que estava a morrer. O seu alto título nobiliárquico não a salvara. A sua formosura tão enaltecida também não. Quando o exército inimigo forçara a entrada na cidadela, depois de semanas de assédio, a ameaça de sangue e saque transformara-se em realidade. Agora, o mundo era um inferno de medo e morte. Onde quer que fossem surpreendidos dentro das muralhas, homens e mulheres eram prontamente passados pelo fio da espada. Tudo o que tinha valor foi disputado pelos soldados inimigos e levado. O que não podia ser carregado fora destruído com um misto de fúria e prazer. Em redor da fortaleza, a cidade ardia, enchendo a noite de um clarão alaranjado, de centelhas douradas que ascendiam aos céus e de gritos lancinantes. Gritos dos que morriam e, mais terríveis, gritos dos que viam os seus a morrer.

Agora o mundo era apenas um terrível inferno.

A jovem cambaleou pelas escadas que desciam em espiral. O fumo denso que preenchia o ar cegava-a e os pulmões ardiam a cada inspiração. Temeu desfalecer ali e não mais conseguir levantar-se. Uma das suas mãos segurava o baixo-ventre, sobre o vestido de veludo empapado de sangue, onde a lâmina de um mercenário a trespassara com crueldade e indiferença. A outra mão apertava um volume contra o peito. O volume era pequeno, envolto numa manta branca, e mamava do seu peito nu. A princesa morria, mas a sua bebé, nascida há poucas semanas, alheia às tragédias do mundo, obedecia ao instinto e alimentava-se do seu corpo. As lágrimas da jovem, borradas pela pesada maquilhagem negra, escorriam-lhe pelo rosto.

Lágrimas causadas pelo fumo que lhe abrasava os olhos.

Pelas dores lancinantes que a varavam e faziam tropeçar.

Mas, essencialmente, lágrimas de uma mãe que chorava a morte certa da sua menina.

Com passos vacilantes, a jovem entrou num salão destruído pela fúria

dos sitiantes. Nos tapetes espessos, escuros de sangue ainda fresco, jaziam os corpos retalhados de soldados, de criadas idosas, de pajens jovens — pouco mais do que crianças — e de nobres espoliados das suas joias e das suas vidas. Não havia uma alma ali perto a quem implorar ajuda. O calor era insuportável, pois o portão que levava ao pátio e os janelões despedaçados assemelhavam-se a fornalhas que vomitavam labaredas para o interior. Apoiando-se na parede ardente, sabendo-se presa num torreão que em breve desabaria em chamas, a princesa dirigiu-se para os degraus estreitos que desciam para as masmorras. Subitamente, a ideia de se finar num local fresco, enlaçada na filhinha que ainda mamava, pareceu-lhe uma bênção. Sentiu uma réstia de paz ao imaginar que estariam nos braços uma da outra quando o fumo as sufocasse ou as pedras as esmagassem.

A escadaria até ao piso inferior pareceu demorar uma eternidade a vencer. Atrás de si, ia deixando um trilho cada vez mais espesso de sangue. Quando chegou à masmorra, deu alguns passos incertos à luz débil de um archote na parede e permitiu-se desfalecer num banco de madeira. O corredor encontrava-se vazio, pois até o carcereiro havia fugido da cidadela. Ou talvez não tivesse conseguido fugir e fosse um dos corpos estendidos no exterior. A cabeça latejava-lhe em clarões brancos, como se olhasse diretamente para o Sol e cegasse lentamente; tudo parecia girar em redor, mas procurou fixar uma última vez o olhar marejado na sua menina. Com os lábios desmaiados, quase sem sensibilidade, beijou-lhe primeiro a cabeça e depois as mãozinhas. De seguida inspirou fundo e cerrou os olhos.

Aquele era o dia em que tudo acabava.

Um tossir cavernoso fê-la abrir os olhos. Julgou ter imaginado o som, mas voltou a escutá-lo. Voltou a cabeça com a nuca apoiada na parede e, na cela mais próxima, entreviu um prisioneiro na penumbra. Parecia enorme, com uma pele tão branca que se tornava leitosa e tatuagens tribais no corpo e na cabeça rapada. Era um ogro, e estava ferido. Sentado na palha do chão, as costas encostadas à parede, tinha o queixo pousado no peito e a cabeça feia coberta de sangue. A jovem nunca estivera tão próxima de uma criatura daquelas. Toda a vida temera os ogros. Eram enormes e selvagens, os mais implacáveis guerreiros — talvez por isso fossem tão procurados como mercenários.

Subitamente, apercebeu-se de quem era aquele prisioneiro. Fora o que escalara as muralhas ao início da noite e conseguira abrir um portão ao inimigo. A guarda da cidadela havia-o capturado, mas tornara-se impossível voltar a fechar o portão. Tinha sido o início do fim para os sitiados. E,

agora, toda a fortaleza ardia ao som de desmoronamentos e gritos lancinantes. Aquele era o ogro responsável por tudo o que acontecera. O inimigo que a matara, a ela e à sua filha.

O prisioneiro voltou a tossir sangue, que lhe escorreu pelo queixo enorme e angular, e, lentamente, virou o rosto pintado para a jovem, como se só então se apercebesse da sua presença. Os olhares de ambos encontraram-se no silêncio. Um silêncio terrível a abafar os sons da morte e da destruição que ecoavam na superfície. Porque os mortos já não sentem medo, a jovem não desviou o olhar. Queria odiar aquela criatura, maldizê-la, mas não encontrou forças. Estranhamente, não encontrou sequer vontade. Era demasiado tarde para isso, e a morte trazia uma certa tranquilidade. Pareceu-lhe até reconhecer, naqueles estranhos e misteriosos olhos negros de ogro, a mesma resignação que sentia no seu coração. *Iam todos morrer.* Ela, a filhinha, e também ele. Um ribombar surdo estremeceu subitamente a masmorra e alguns fios de poeira tombaram da abóbada elevada.

Então, a menina, saciada, largou-lhe o peito e esboçou um sorriso. Era o seu primeiro sorriso. Os seus olhinhos claros miraram em redor, curiosos, deslizando do rosto da mãe para o archote, e depois para as grades de ferro onde o ogro permanecia imóvel. A menina queria descobrir o que a rodeava. O instinto dizia-lhe que havia um mundo imenso ao redor. A menina queria viver. A jovem apertou a filha nos braços e deixou correr as últimas lágrimas que ainda tinha para verter. Foi então que os seus olhos encontraram uma chave grossa na mesa diante de si.

A chave da cela do ogro.

Ninguém consegue compreender os pensamentos que passam pela mente de uma mãe desesperada. Podem ser pensamentos luminosos que apenas poetas inspirados conseguem compreender, ou pensamentos da mais abjeta alienação que até os loucos temem. Num gesto lento e desajeitado, pegou na chave com a mão trémula e arremessou-a para a cela do ogro. Este hesitou, e depois lançou-se para o pesado objeto metálico como um cão esfomeado a quem atiram um osso. Em poucos segundos rodava a chave na fechadura e saía para o corredor. Deu dois passos e estacou diante da jovem. Em pé, à luz do archote que começava a apagar-se, revelava-se uma criatura enorme, de ombros e braços poderosos, como os das estátuas dos antigos arcanos.

A jovem mãe tentou falar, mas não encontrou forças. Engoliu em seco, lambeu os lábios frios e voltou a tentar. Não estava sequer certa de que aquele gigante a compreendesse.

— Estavas morto, ogro... e eu dei-te uma vida...

O ogro mirou-a em silêncio. Ela continuou:

— Faz o mesmo... à minha... filha...

Tentou entregar-lhe a bebé, mas os braços não obedeceram. Limitou-se a poisar o volume na mesa e a empurrá-lo para diante.

— Ela... ela é tudo o que me resta...

O ogro franziu o cenho e o seu rosto não ficou mais bonito. Mirou a menina que agitava os bracinhos no ar. Então, sem uma palavra, sem esboçar qualquer emoção, pegou no pequeno volume que quase desapareceu nas suas mãos e afastou-se com passadas largas.

A jovem moribunda não sabia se o ogro lhe honraria o pedido. Se daria uma vida à sua filha ou se a atiraria às chamas quando chegasse à superfície. Ainda assim, antes de soltar o derradeiro suspiro, não viu a sua própria vida passar-lhe diante dos olhos, mas sim imagens belas e coloridas da sua menina.

A correr numa estepe verde que se perdia no horizonte.

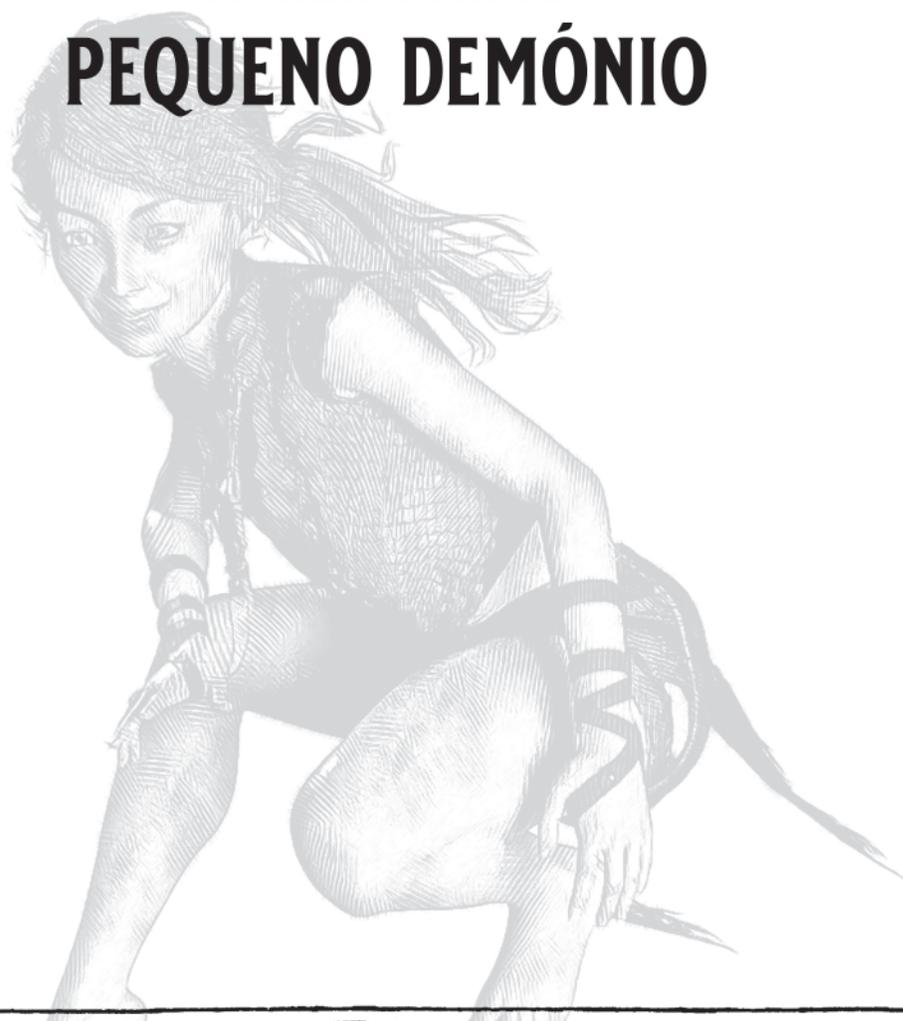
A mirar o seu reflexo num regato que cantarolava entre calhaus.

Estendida num telhado de colmo a pedir desejos às estrelas cadentes que riscavam o céu.

— O nome dela... — sussurrou, numa voz tão débil que mal se escutou. — O nome dela é...

PRIMEIRA PARTE

PEQUENO DEMÔNIO





Os Reinos Bastardos estendem-se para oriente, da Floresta Brumosa, a norte, à Espinha do Mundo, a sul. São terras violentas onde habitam muitas dezenas de tribos ogro. O nome “Reinos Bastardos” foi atribuído com ironia pelos povos civilizados dos Reinos Humanos, que nunca esconderam o desprezo que nutrem pela raça ogro, que consideram bruta e naturalmente inferior.

— HATRA DE LAGGASHE, GRÃO-ALQUIMISTA
DA CIDADE IMPERIAL DE LAGGASHE

◀ CAPÍTULO 1 ▶

O pequeno demónio com cabelos de fogo

Runa! Runa, se não apareces, chicoteio-te como a um cão raivoso. A menina surgiu repentinamente do carreiro que levava à aldeia dos Wwresh. Trazia os cabelos ruivos soltos pelas costas, as faces coradas da corrida, e os olhos claros, sorridentes, pareciam brilhar, como sempre acontecia quando tinha feito tudo aquilo que estava proibida de fazer.

Estacou diante de Kkar, cruzou os bracinhos atrás das costas e ficou a olhá-lo, esperando o habitual sermão. Era uma imagem insólita. De um lado, o imenso ogro, com a pele retesada sobre músculos maciços, uma tanga grosseira presa à cintura e o rosto enrugado num esgar que já fizera inimigos largar as armas e fugir. Do outro, mal segurando o riso, uma menina humana que não teria mais de dez invernos.

Kkar mirou-a em silêncio. A miúda trazia arranhões frescos na cara, os joelhos estavam esfolados e o saiote de pele e o tronco nu cobertos de poeira e ervas, como se tivesse andado a rebolar pela terra. Ou, pior, a lutar.

— Onde está a tua jaqueta, pequeno demónio? — perguntou, num tom feroz.

Ela nem estremeceu. Talvez até tenha começado por sorrir ligeiramente. Mas logo mordeu a língua e tentou que o rosto se transformasse numa máscara séria.

— Ficou na aldeia, senhor. Posso ir buscá-la.

— Porque tiraste a maldita jaqueta? Quantas vezes já disse que não te quero ver em tronco nu?

— Estava calor na aldeia.

— Andaste a lutar outra vez — rosou Kkar, curvando-se pela cintura para aproximar o seu rosto do dela.

— Estou proibida de lutar, senhor. Nunca o faria!

O ogro voltou a endireitar-se, olhou para o carreiro e chamou numa voz de trovão:

— Eridu!

Um rapazinho humano, da mesma idade de Runa, espreitou dos caniços que ocultavam o caminho. Onde andasse a moça, andava o pequeno cativo. Com os olhos esbugalhados de receio, perdida toda a esperança de poder continuar oculto até ao final daquela altercação, aproximou-se a correr e ajoelhou-se diante de Kkar.

— O que é que a Runa andou a fazer na aldeia, Eridu? Lembra-te de que, se me mentes, esfolo-te a pele.

— Andou a lutar, senhor.

Kkar procurou os olhos de Runa, mas estes haviam-se desviado para mirar Eridu com rancor. O ogro sabia que, quando os deixasse a sós, ela ia infernizá-lo por contar a verdade. Agarrou-a pelos ombros e agitou-a para ganhar a sua atenção.

— O que é que eu te disse sobre andares a lutar com as outras crias?

— Que não o podia fazer.

— Então porque o fazes, pequeno demónio?

— Porque eles me provocaram — disse, mirando Kkar com um franzir zangado da testa. — Podem ser maiores do que eu, mas não tenho medo de nenhum. Atirei o Aard duas vezes ao chão, pergunta ao Eridu, até o fiz comer terra...

Desta vez o berro do ogro saiu tão feroz que até ela estacou. Eridu não conseguiu evitar encolher-se no chão, as mãos trémulas agarradas à argola de bronze no pescoço.

— Eu não quero que lutes com o Aard. Nem com nenhuma das outras malditas crias. A cada ano que passa, elas crescem mais do que tu, e um dia vão magoar-te a sério. Queres partir um osso e ficar torta para sempre, como a velha Mmor?

— Eu também vou crescer!

— Não como eles.

— Nunca os temerei — disse ela num rosnido. — Nem quando tiverem o seu tamanho.

Kkar cerrou os punhos e inspirou fundo, várias vezes.

— Devia chicotear-te, espírito ruim.

— O chicote está ali — respondeu ela, apontando para o anexo da cabana.

O ogro rosou e deu algumas passadas largas até à construção. Agarrou no chicote e regressou para junto das crianças. Runa nem pestanejou. Então ele, num movimento veloz, agarrou no braço de Eridu,

levantou-o no ar como se segurasse uma lebre para esfolar e açoitou-o três vezes antes que Runa tivesse tempo de pular e lhe agarrar no braço.

— O que está a fazer? — gritou ela.

— Sempre que lutares, vou castigá-lo a ele.

— Mas isso não é justo!

— E o que é que isso me interessa? Ele não passa de um cativo. Se quiseres realmente poupar-lhe a pele, saberás como te comportar.

Kkar abriu a mão e Eridu caiu na poeira. O rapazito tinha lágrimas nos olhos e três linhas ensanguentadas nas nádegas, mas não soltara um gemido. Runa tentou ajudá-lo a levantar-se, mas ele apressou-se a fazê-lo sozinho.

— E agora, seus vermes — disse Kkar, apontando para a água —, como castigo, vão ao outro lado da lagoa grande ver as armadilhas. Não voltem sem dois cestos cheios de peixe.

— Talvez nem voltemos — desafiou Runa.

— Era um favor que me fazias, pequeno demónio.

Ela fez uma careta, foi buscar os cestos e empurrou o rapazito pelo ombro para seguirem pela margem frondosa. Um bando de burinagas com longas caudas vermelhas, que se escondiam entre os caniços, espantaram-se com os seus passos e levantaram num voo ruidoso. As suas caudas largaram pequenas centelhas luminosas, como pirilampos, que se apagavam ao tocar na água.

Kkar pousou as mãos calosas na cintura e ficou a vê-los afastarem-se. O cativo caminhava cabisbaixo, os braços estendidos ao longo do corpo, os passos bamboleantes devido às chibatadas. Runa seguia ao seu lado, falando sem parar, gesticulando, certamente censurando as injustiças do mundo e o que ia fazer para as corrigir. Por vezes, Kkar nem sabia bem se, ao impedi-la de lutar, estava a proteger a miúda ou as crias de ogro. Um sorriso triste surgiu-lhe no rosto.

◀ CAPÍTULO 2 ▶

Por dentro somos todos iguais, mas as coisas ficam por aí

— **P**or vezes tenho vontade de lhe levar as mãos ao pescoço e apertar até o deixar com a língua de fora.

Eridu abriu muito os olhos.

— Era melhor não tentares isso, Runa.

— Claro que não, asno, mas por vezes odeio-o com todas as forças. Passa o dia a vigiar-me ou a dar-me sermões. — Parando subitamente, simulou a postura do ogro, de peito inchado e braços abertos, e começou a imitar-lhe o discurso cavernoso: — *Não faças isso, Runa. Não vás para aí, pequeno demónio. Não te vistas assim, espírito ruim.*

— Está a tentar proteger-te.

— Tem é vergonha de mim, Eridu. Gostava que eu fosse invisível, como um maldito espírito.

O jovem esfregou as nádegas que lhe ardiam.

— Ele já te tinha proibido de lutar imensas vezes.

— E o que devo fazer quando os cretinos da aldeia me provocam?

— Ignorá-los, como eu faço.

— Tu és *apenas* um cativo. Eu não os posso ignorar.

O passo de Eridu desacelerou um pouco e ele não respondeu. Mas ela conhecia-o como às suas próprias mãos manchadas de terra. Sentiu um aperto no coração quando as palavras que pronunciara ganharam todo o sentido na sua cabeça.

— Desculpa, não era isso que eu queria dizer.

Ele apenas encolheu os ombros. Ela continuou:

— Eles sabem que és um cativo e que não te podes defender. Mas eu não tenho desculpas para ficar quieta.

Depois, porque não gostava de estar na defensiva, optou por atacar. Cerrou o punho e abanou-o diante do amigo.

— E que ideia foi essa de me entregares? Só tinhas de dizer que estava calor na aldeia.

— E depois, em vez de três vergastadas, ele cobria-me de pancada. És a minha melhor amiga, Runa, mas não me atrevo a mentir ao Kkar.

— Onde já se viu, bater-te a ti para me castigar a mim!

— Ele não bateu com muita força.

— O sangue no teu rabo diz o contrário.

— Quando o meu dono me bate, nem consigo andar.

— E consegues correr?

Ele ia perguntar porquê, mas não teve tempo. Runa disparou pela margem lamacenta, os seus cabelos cor de fogo refletindo o Sol que desaparecia ao longe, para lá da silhueta escura do horizonte.

Eridu sorriu e arrancou atrás dela.

Talvez porque as nádegas lhe ardessem, não a conseguiu apanhar. Mas também não se esforçou para o fazer. Gostava de correr atrás da amiga, de a ver saltitar entre juncos e pedregulhos com a agilidade de um cervo, enquanto escutava a sua gargalhada feliz e contagiosa. Runa estava mais alta e esguia, porém, era tão rebelde que não compreendia a razão para Kkar lhe ordenar que vestisse a jaqueta. Mas Eridu já reparara em como o peito da amiga deixara de ser liso e ganhara duas pequenas elevações. Sem ainda o saber, começava a tornar-se uma mulher. Tão sagaz numas coisas e tão ingénua noutras! Mas Eridu tinha uma certeza: não ia ser ele a explicar isso a Runa. A não ser que quisesse ficar com um olho negro.

Perdido nos seus pensamentos, quase chocou com ela. Runa agachara-se, pousara os cestos na erva e olhava para a lama que se estendia diante deles, desde os morros avermelhados à direita, até à lagoa.

— Tens medo de sujar os pezinhos, menina? — perguntou ele, saltando para a lama mole com o intuito de a ultrapassar. Deu mais dois passos, mas o silêncio da amiga fê-lo estacar. Ia perguntar o que se passava, mas não precisou. Os seus olhos encontraram as ossadas muito brancas que as chuvadas dos últimos dias haviam exposto.

— São os esqueletos de dois ogros — murmurou ele, dando um passo atrás. Entre os ossos podiam ver-se lâminas enferrujadas e pedaços de armaduras.

— De um ogro e de um humano.

Eridu olhou melhor para as ossadas. Runa tinha razão. Um dos esqueletos era alto e robusto, de ossos densos e aspeto pesado. O outro era mais pequeno e esguio. Era o humano. Se alguma dúvida havia, os restos de cota de malha no esqueleto menor esclareciam tudo — cotas de malha, feitas de minúsculas argolas de ferro, eram coisa dos Reinos Humanos.

Colocando-se lado a lado, ficaram a olhar para os esqueletos que pareciam abraçados no lamaçal.

— O que achas que aconteceu? — perguntou ele.

— Devem ter morrido quando estavam a dançar — respondeu ela com uma careta.

— A sério?

— És mesmo um asno, Eridu. O que te parece? Mataram-se um ao outro.

Depois de um silêncio curto, ele voltou a falar.

— Já reparaste como ogros e humanos são iguais por dentro?

Ela confirmou com um aceno de cabeça. Estava a pensar no mesmo. Ignorando as proporções, os esqueletos eram idênticos. Os mesmos ossos, nos mesmos sítios, com as mesmas funções. E, no entanto, as semelhanças entre ogros e humanos ficavam por aí. Desviou o olhar dos restos mortais e deu dois passos até à água. Baixou-se perto dos juncos e mirou o seu reflexo.

Ali estava ela.

Runa, a humana. A criança que não era uma cativa, mas também não podia ser inteiramente livre como as outras crias. A criança a quem chamavam *Pássaro Perdido*.

Observou com atenção os detalhes do seu rosto, rodando-o para os lados.

A sua pele era clara como feno ao sol. A dos ogros podia ter diferentes tonalidades, mas a pele dos Wwadesh, o clã a que pertencia, era mais branca do que a dela, de uma alvura semelhante à lua grande que cruzava os céus. A cor verde dos seus olhos estava rodeada de um branco rosado; as íris dos ogros, de um negro húmido. Os olhos dos ogros eram sinistros. Os dentes dela desapareciam quando fechava os lábios. Os dos ogros não: dois dentes inferiores ficavam sempre salientes. O seu corpo era magro, ágil, leve. O dos ogros era pesado — por dentro, tinham um esqueleto enorme e robusto como o que estava na lama.

Runa levantou-se vagarosamente e olhou para longe, como se procurasse algo para lá da lagoa e do vulto distante do pantanal.

— Como achas que é a vida nos Reinos Humanos, Eridu?

Ele coçou a cabeça antes de responder.

— Livre.

— Se um dia fugir para lá, vais comigo?

— Nem te atrevas a partir sem mim, Runa.

Lembrando-se de que ainda tinham de andar um bom bocado para chegar às armadilhas, meteram-se a caminho ao longo da margem, passando pela ruína de uma casa de suar, onde os ogros se limpavam dos espíritos impuros com pedras aquecidas em fogueiras. Do buraco no alto da construção cónica, por onde espreitavam ramagens escuras de hera, um par de corvos-caveira, brancos como a neve, olhavam-nos, sinistros e silenciosos. Runa sentiu um estremecimento e acelerou o passo.

◀ CAPÍTULO 3 ▶

O que as brumas trazem e o que as brumas levam

Quando chegaram às armadilhas do outro lado da lagoa, o Sol já desaparecera. Como uma bola de fogo, preencheram o horizonte de tonalidades vermelhas e lilases. Nesses instantes, o céu ficara pejado de bandos de aves que pareciam despedir-se da luz do dia. De seguida, a escuridão caíra repentinamente. E um silêncio profundo tomara as águas, os montes distantes e a floresta. A única luz vinha da lua grande que, solitária, um círculo perfeito no céu negro sem nuvens, emprestava um tom azulado à paisagem. A lua mais pequena e vermelha que a orbitava encontrava-se oculta.

Todas as armadilhas tinham peixes. Os dois amigos entraram na água até à cintura, puxaram pelas pegas de vime entrelaçado e arrastaram-nas para a margem. Eram pesadas pois tinham calhaus no interior para as manter no fundo lodoso. Daquele lado da lagoa os peixes eram mais gordos devido aos crustáceos que por ali abundavam; encheram facilmente os dois cestos. Kkar ia ficar satisfeito. Voltaram a colocar as armadilhas nos mesmos locais e prepararam-se para regressar. Antes, olharam para a plenitude das águas escuras.

Ao longo da margem oposta, viam-se os vultos das cabanas dos servidores. Feitas de madeira, com telhados cónicos de colmo, algumas estavam parcialmente construídas sobre a lagoa, as suas bases assentes em estacas que desapareciam nas águas. Todas tinham, penduradas nos alpendres, lanternas de papel vermelho para espantar os espíritos malévolos. Brillavam como pirilampos de fogo, refletindo-se na lagoa em longas linhas vermelhas.

O jovem cativo interrompeu o silêncio.

- Vejo fumo a sair da cabana do teu pai. Não esperou pelos peixes.
- Já te disse que não é meu *pai*.
- Veste-te, alimenta-te, dá-te uma enxerga. Um pai não é isso?
- O teu dono também faz isso. E és apenas um cativo, Eridu.

— Também me põe a trabalhar como um cão, enche-me o corpo de pancada e deixa claro que a minha vida lhe pertence.

Ela não respondeu.

Eridu pegou num cesto, colocou-o sobre a cabeça e perguntou:

— Vamo-nos embora?

— Ele tem um cinturão com medalhões de ouro. Está embrulhado numa manta velha e escondido dentro de uma arca, mas eu já o vi.

Surpreendido com a repentina revelação da amiga, o cativo voltou a pousar o cesto e mirou-a. Todos os guerreiros ogros usavam um espesso cinturão de bronze quando partiam para a guerra ou participavam nas cerimónias da tribo. Sempre que derrotavam o tirano de um clã inimigo, ou um dos seus irmãos de armas, recebiam a honra de adicionar um medalhão de ouro ao cinturão.

— Quantos medalhões tinha o cinturão? — perguntou, curioso.

— Sete.

— Sete? Não pode ser...

— Achas que não sei contar, asno?

— A nossa tirana tem quatro medalhões. Pode estar gorda e velha, mas todos os clãs submissos a temem por isso.

— Pois o Kkar tem sete. E um deles em ouro vermelho.

Eridu desviou os olhos para o outro lado da lagoa, onde a cabana de Kkar continuava a cuspir uma coluna fina de fumo. Como cativo, não devia fazer perguntas aos ogros. Apenas obedecer. Mas, como os cativos eram quase invisíveis, por vezes escutava conversas que não lhe eram dirigidas. Sabia que Kkar, a quem chamavam o *Duas Lâminas*, fora um guerreiro formidável, e o mais temível irmão de armas de Rraj, a tirana dos Wwresh. Até ao dia em que aparecera com uma bebé humana e decidira renunciar ao título de guerreiro. Abandonando o lar no zigurate de pedra, construíra uma modesta cabana de paus e lama nas margens da lagoa grande, e aceitara o destino de ser apenas um servidor, a casta inferior dos Wwresh. Começara a pescar com lança e a distribuir armadilhas. A cultivar canteiros nas terras húmidas, entre as lagoas e o pantanal. E apenas ia à aldeia-coração para levar o fruto do seu trabalho: peixe fresco ou seco, abóboras, milho, feijão-azul. De resto, evitava a tribo e, quando algum velho companheiro queria falar com ele, tinha de o procurar na lagoa.

O cativo procurou o olhar de Runa na escuridão. Queria dizer-lhe que a invejava. Não por ser a única humana livre no clã dos Wwresh, mas por ter alguém que se importava com ela. Kkar não entregara a sua lâmina à

tirana nem se mudara para a lagoa por um capricho. Fora por causa dela. O ogro protegia-a. E tinha razão para ficar inquieto com as brigas: Runa estava a crescer, mas as crias de ogro cresciam mais. Era inevitável que um dia, com a teimosia dela em não ignorar provocações — quando não era ela própria a incitá-las —, acabasse por se magoar a sério.

Não chegou a dizer nada, pois um urro distante fez ambos estremecerem. Foi um brado medonho, grave e arrastado, que ecoou pela floresta próxima como se vindo de vários locais em simultâneo. Imediatamente todas as aves, que adormeciam nos ramos altos, se lançaram num voo assustado sobre a lagoa. Até os peixes se afastaram da margem, deixando sulcos na superfície da água.

A natureza fogia.

— São as brumas — gemeu Eridu, sentindo a pele arrepiar-se e uma vontade súbita de aliviar as tripas.

Runa virou-se para a floresta. Eram mesmo as brumas. De uma brancura fantasmagórica, rolavam pelo chão escuro e irregular da floresta, velozes e imparáveis, como se um vento sobrenatural as impelisse.

As *brumas*.

Nada de bom acontecia quando o mundo das brumas entrava em contacto com o mundo real. Coisas monstruosas aproveitavam esse contacto para atravessar desde o outro lado. Por vezes, quando as brumas recuavam, essas monstruosidades recuavam também. Outras vezes, ficavam no mundo real.

O urro fez-se ouvir novamente, bem mais próximo. E, com ele, o som de arbustos a serem espezinhados e galhos a quebrarem. A floresta, ainda há pouco silenciosa como um túmulo, agitou-se com o som de animais em debandada.

— É um urso dentes-de-sabre — gemeu Runa, puxando pelo amigo. — Não conseguimos fugir a pé, temos de atravessar a lagoa a nado.

Com passadas largas, entraram nas águas frias e nadaram o mais depressa que conseguiram. Quando espreitaram para trás, já não conseguiam ver a silhueta das árvores na floresta. Toda a margem desaparecera debaixo das brumas que se elevavam acima das copas. No meio dessa luminosidade etérea avistavam-se paisagens estranhas que não pertenciam a este mundo. E os movimentos de um animal descomunal.

Apesar dos apelos de Eridu, Runa parou de nadar e voltou-se para observar o urso dentes-de-sabre. O animal, compreendendo que perdera o cheiro das duas presas, ergueu-se nas patas traseiras, até ficar com a altura

de dois ogros, e soltou um urro que atravessou as águas com a força de uma chicotada. Sem quaisquer pelos no corpo escuro, com exceção da juba larga em redor da cabeçorra, onde brilhavam um par de olhos vermelhos e outro de longos caninos, era uma imagem aterradora. Runa estremeceu. Mas não foi de medo. Surpreendeu-se ao sentir que, de alguma forma, e sem saber como, iria cruzar-se novamente com aquela besta.

Depois voltou a estremeecer.

Esquecera-se dos cestos de peixe!